

PREFÁCIO

A melhor homenagem que podemos prestar a Frederick Winslow Taylor é a tradução e publicação em Portugal deste seu livro, *Os Princípios da Gestão Científica*, mais de um século depois de ter sido escrito. Porque se trata de um livro em muitas aspetos atual no panorama da economia portuguesa e que algo me diz será ainda de grande utilidade em muitas das nossas empresas. Mas também nos escritórios e nas repartições, onde, não poucas vezes, observamos ineficiências e improdutividades visíveis a olho nu mesmo para o observador não especializado. De facto, Portugal tem ainda um longo caminho a percorrer na melhoria dos métodos de trabalho e na organização das suas empresas, questão central para a competitividade internacional da nossa economia.

Apesar de Frederick Taylor ter sido erradamente acusado por quase toda a gente dos males da desumanização do trabalho, a sua contribuição para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores de todo o mundo é por demais evidente. A qualidade de vida dos trabalhadores norte-americanos, a produtividade chinesa, ou o modelo social europeu de que nos orgulhamos hoje, não seriam possíveis sem os princípios da gestão científica que a curiosidade e a determinação de Taylor iniciou de forma inovadora.

A caricatura do trabalhador/*robot*, celebrizada pelo génio de Charlie Chaplin, nunca correspondeu aos objetivos e aos ensinamentos do autor deste livro. Ainda que o seu objetivo principal, prosseguido de forma quase obsessiva, tenha sido substituir a ineficiência e a anarquia existentes nos locais de trabalho do seu tempo, modelo esse sim desumano, por um sistema inteligente, compreensível e generalizável de trabalho de base científica, nunca descurou a formação profissional e a valorização dos trabalhadores, bem como a melhoria das condições existentes nos locais de trabalho. Não compreender isto seria assumir a credence defensiva da primeira revolução industrial, sobre os malefícios das máquinas e do pensamento científico.

O taylorismo generalizou-se por todo o mundo e não será certamente um acaso que aqueles países onde a aceitação dos seus ensinamentos foi mais determinada, por razões culturais ou outras, como o Japão, a Alemanha e a Coreia, além naturalmente dos Estados Unidos, estejam hoje entre os industrialmente mais modernos e avançados do mundo e onde os trabalhadores beneficiam dos melhores índices económicos. Em oposição, outros países como Portugal, dominados pelo idealismo filosófico e pela indisciplina individualista, ficaram para trás no seu processo de industrialização e de desenvolvimento económico e humano.

Vivi pessoalmente uma experiência no final dos anos cinquenta, tempo em que era trabalhador numa empresa de moldes da Marinha Grande, que não resisto a contar. Nesse tempo, chegou à empresa de vidros Ivima um casal de lisboetas, Beatriz e António Seabra, com a missão de melhorarem a produtividade da empresa, como parte da reestruturação em curso. Acompanhava-os uma pequena mas importante biblioteca de livros de gestão e de organização de empresas, livros que para nós marinhenses eram uma absoluta novidade naquele tempo. Rapidamente o casal Seabra se tornou conhecido na empresa e na terra e juntou-se à sua volta um pequeno grupo de jovens que, como eu, descobriram na prática encetada na Ivima e na leitura dos livros postos à sua disposição, o conhecimento que, ao longo dos anos, influenciou de forma determinante o progresso das empresas da região, em particular no setor dos moldes para injetar plásticos. A criação e a generalização do uso de normas de trabalho e a presença do cronómetro, marcou o panorama industrial da Marinha Grande para sempre, passando o tema da organização do trabalho a ser discutido nas empresas e nos cafés da terra, surgindo, pouco a pouco, uma nova consciência sobre a produtividade e sobre a importância da formação profissional, que, felizmente, ainda hoje perdura.

O que aconteceu na Marinha Grande está longe de poder ser generalizado a todas as regiões do País. A grave crise económica e financeira que Portugal atravessa atualmente tem também a ver com a desindustrialização precoce da nossa economia e com a incapacidade de muitas empresas de melhorar a sua produtividade. E, apesar das enormes quantias gastas em formação profissional durante os últimos vinte anos, o panorama geral dos níveis de organização de muitas das nossas empresas é ainda desolador. Daí a afirmação feita antes, de que

esta obra, mais de um século depois da sua publicação, deva ser encarada entre nós como bastante mais do que um exemplo de arqueologia na organização do trabalho.

Entretanto, é curiosa a constatação de que as críticas à organização científica do trabalho e à substituição dos trabalhadores por máquinas, críticas essas inerentes às diversas revoluções industriais e bem presentes no tempo de Frederick Winslow Taylor, tenham passado de moda, nomeadamente neste tempo de desemprego estrutural em quase todo o mundo. Surgiu entretanto uma nova moda de sinal contrário, que à falta de melhor tenho denominado «determinismo do progresso». Porque, perante a deslocalização para o Oriente de quase todos os setores industriais e de alguns serviços a partir dos países desenvolvidos, nomeadamente dos Estados Unidos e da Europa, a tese geralmente aceite é a de que o conhecimento científico entretanto adquirido e as tecnologias amplamente disponíveis, se traduzirão no aparecimento de novas necessidades e de novos produtos e serviços, que tornarão possível a criação de novos postos de trabalho, que substituirão com vantagem os empregos perdidos. Reconhecendo embora que sempre foi assim no passado, não podemos todavia deixar de nos questionar sobre se será assim no futuro e para todo o sempre, nomeadamente em vista das novas condições criadas pela globalização, condições essas, a meu ver, insuficientemente estudadas.

A primeira dessas condições diferenciadoras relativamente ao passado, resulta do enorme *stock* de mão-de-obra disponível na China e na Índia, para falar apenas destes dois países, que impedirá o crescimento dos salários, principalmente na China. E, se assim for, o fraco poder de compra dos trabalhadores asiáticos criará um novo paradigma económico: *economias predadoras, fortemente produtivas e de fraco consumo, que vivem e crescem essencialmente com base na exportação a baixo preço*. A segunda questão resulta da incerteza sobre a existência de energia e de matérias primas suficientes para o caso, a meu ver bastante improvável, de haver um substancial crescimento do poder de compra no Oriente e, em particular, na China. Finalmente, deveremos reconhecer que o rápido crescimento do emprego nos setores dos serviços, que é uma característica comum às economias modernas, é menor, sendo tudo o resto igual, nos setores dos serviços do que nas economias de base industrial. Criando, por essa via, um défice permanente de emprego, em particular na Europa.

Ou seja, existe a possibilidade do crescimento do desemprego não ser uma mera questão conjuntural resultante da crise, por mais profunda que esta seja, mas um problema sem retorno, criado pelas condições presentes na economia global em que hoje vivemos.

O paradigma descrito, a ser verdadeiro, é agravado por um outro fenómeno do nosso tempo: a existência de inúmeras necessidades sem resposta adequada, apesar de serem abundantes as ideias, o conhecimento científico e as tecnologias necessárias à sua solução de forma economicamente compensadora. Estou a pensar, por exemplo, no aproveitamento dos resíduos domésticos; ou no transporte, porta a porta, de mercadorias e de pessoas pela via rodo ferroviária; ou a sucção e o aproveitamento do petróleo derramado no mar. Trata-se de novas necessidades, entre muitas outras, com enorme potencial na criação de emprego, mas cuja resposta industrial depende daquilo a que podemos chamar a «Inovação de Estado». Já que as empresas, por mais poderosas que sejam, são impotentes para inovar em áreas que dependem de legislação dos estados e de novas formas de organização das sociedades, hoje impossíveis de concretizar sem o acordo e a ação inovadora das comunidades e dos governos.

Em resumo, existirá no nosso tempo, tanto quanto no tempo da primeira publicação deste livro, amplas matérias de organização do trabalho, da sociedade e da economia a carecerem do estudo e do génio criador de homens como Frederick Winslow Taylor. Esperemos que a publicação deste seu livro em Portugal desperte a curiosidade e a ambição inovadora de alguns portugueses, confrontados com o dilema do nosso tempo: *organizar o trabalho e as empresas no contexto de uma sociedade do desperdício, agora que terminou para sempre a sociedade da abundância.*

19 de novembro de 2010

Henrique Neto